

# O DISCÍPULO AMADO COMO EXEMPLO DE DISCÍPULO EM JO 20,1-10

Pe. Eduardo Capucho, sdb\*

## RESUMO

*O artigo tem por finalidade apresentar o Discípulo Amado como modelo de discípulo. O evento central para ser discípulo de Jesus é a ressurreição, pois ela ilumina toda a vida de Jesus e supera a expectativa humana em relação ao Mestre.*

**Palavras-chave:** *ressurreição, sepulcro, discipulado.*

## ABSTRACT

*The article purposes at presenting the Beloved Disciple as model disciple. The central event to be Jesus disciple is the resurrection, because it illuminates the life of Jesus and exceeds human expectation in relation to the Master.*

**Keywords:** *resurrection, sepulcher, discipleness.*

## INTRODUÇÃO

Antes de abordar a perícopre própria do artigo, é importante perceber Jo 20,1-29 como um todo. Ele se constitui por quatro cenas dos relatos pascais; existe uma simplicidade aparente. As cenas do Discípulo Amado e de Pedro junto ao sepulcro, a aparição de Jesus a Maria Madalena também junto ao sepulcro, a aparição de Jesus Ressuscitado à comunidade dos discípulos e, por fim, a outorga da missão acontece no mesmo dia. A cena com Tomé acontece um domingo depois. No domingo se celebram os eventos centrais da salvação.

Esta apresentação mostra uma sequência de cenas separadas e justapostas de acordo com o interesse do redator. As duas primeiras cenas são de cunho mais individual e as outras de caráter comunitário. O desejo do autor é, antes de tudo, mostrar que a fé no Ressuscitado é baseada no testemunho dos discípulos e daquilo prometido por Deus presente na Escritura hebraica e cumprido na ressurreição.

---

\* Licenciado em Filosofia, bacharel em Teologia pela UNISAL e mestrando em Filosofia pela PUC-SP.

Cada cena possui uma profissão de fé. Ela segue em um crescendo de cena em cena. Assim, vão se dissipando as dúvidas levantadas pelos adversários da comunidade e intracomunidade sobre a veracidade da ressurreição. Num mesmo movimento se afirma a continuidade entre o Ressurrecto e o Crucificado.

Por isto, Jo 20,1-29 percorre este caminho para indicar o principal interesse do evangelista: o caminho de fé dos discípulos no, agora, Cristo glorioso.

Fato importante é perceber na perícopes a presença de Pedro. Ele também é apresentado como um exemplo de discipulado, porém o exemplo do Discípulo Amado é apresentado com maior destaque.

No artigo não se tem como primeira instância a contraposição de conflito<sup>1</sup> entre os personagens. A intenção é apresentar o evento da ressurreição como central e a partir dele as reações que não são uniformes entre os discípulos de Jesus. Tendo-se isto presente, comecemos a análise da primeira perícopes do capítulo: Jo 20,1-10.

## O DISCÍPULO AMADO E PEDRO (20,1-10)

Ao analisar alguns comentários exegéticos sobre o Quarto Evangelho, percebeu-se a importância, em cada estudo, de apresentar o texto grego e a sua tradução feita a partir deste. Para tal fim, tomaram-se as versões da Bíblia de Jerusalém<sup>2</sup>, da Bíblia Sagrada (tradução da CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil)<sup>3</sup> e da TEB (Tradução Ecumênica da Bíblia)<sup>4</sup> como parâmetros comparativos.

### O texto grego<sup>5</sup>

1 Τῆ δὲ μιᾶ τῶν σαββάτων Μαρία ἡ Μαγδαληνὴ ἔρχεται πρωὶ σκοτίας ἔτι οὔσης εἰς τὸ μνημεῖον καὶ βλέπει τὸν λίθον ἠρμένον ἐκ τοῦ μνημείου. 2 τρέχει

<sup>1</sup> O trabalho atém-se à Ressurreição, pois o próprio Evangelho de João foi forjado em controvérsias internas da comunidade (cf. BROWN, R. E. *As Igrejas dos Apóstolos*. São Paulo: Paulinas, 1986, p. 116) e, por isso, as mesmas o marcaram de maneira indelével. A pesquisa sobre as controvérsias seria por demais custosa, por isso é evitada.

<sup>2</sup> BÍBLIA. *A Bíblia de Jerusalém*. Edição revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

<sup>3</sup> BÍBLIA. *Tradução Ecumênica Brasileira* – TEB. São Paulo: Loyola, 1994.

<sup>4</sup> BÍBLIA. *Bíblia Sagrada – CNBB*. São Paulo: Loyola, 2002.

<sup>5</sup> Fonte: <http://www.bibelwissenschaft.de/online-bibel/> compatível com NESTLE-ALAND. *Novum Testamentum Graece*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1993.

οὐν καὶ ἔρχεται πρὸς Σίμωνα Πέτρον καὶ πρὸς τὸν ἄλλον μαθητὴν ὃν ἐφίλει ὁ Ἰησοῦς καὶ λέγει αὐτοῖς· ἦραν τὸν κύριον ἐκ τοῦ μνημείου καὶ οὐκ οἶδαμεν ποῦ ἔθηκαν αὐτόν. 3 Ἐξῆλθεν οὖν ὁ Πέτρος καὶ ὁ ἄλλος μαθητὴς καὶ ἦρχοντο εἰς τὸ μνημεῖον. 4 ἔτρεχον δὲ οἱ δύο ὁμοῦ· καὶ ὁ ἄλλος μαθητὴς προέδραμεν τάχιον τοῦ Πέτρον καὶ ὄλθεν πρῶτος εἰς τὸ μνημεῖον, 5 καὶ παρακύψας βλέπει δεύμενα τὰ ὀθόνια, οὐ μέντοι εἰσῆλθεν. 6 ἔρχεται οὖν καὶ Σίμων Πέτρος ἀκλουθῶν αὐτοῦ καὶ εἰσῆλθεν εἰς τὸ μνημεῖον, καὶ θεωρεῖ τὰ ὀθόνια κεείμενα, 7 καὶ τὸ σουδάριον, ὃ ἦν ἐπὶ τῆς κεφαλῆς αὐτοῦ, οὐ μετὰ τῶν ὀθονίων κεείμενον· ἀλλὰ χωρὶς ἐντετυλιμένον εἰς ἓνα τόπον. 8 τότε οὖν εἰσῆλθεν καὶ ὁ ἄλλος μαθητὴς ὃ ἐλθὼν πρῶτος εἰς τὸ μνημεῖον καὶ εἶδεν καὶ ἐπίστευσεν. 9 οὐδέπω γὰρ ᾔδεισαν τὴν γραφὴν ὅτι δεῖ αὐτὸν ἐκ νεκρῶν ἀναστῆναι. 10 ἀπῆλθον οὖν πάλιν πρὸς αὐτοὺς οἱ μαθηταί.

### Tradução

1 Ora, no primeiro dia da semana Maria Madalena<sup>6</sup> vem<sup>7</sup> de manhã cedo<sup>8</sup> ainda estando (na) escuridão para o sepulcro<sup>9</sup> e vê a pedra tirada do sepulcro. 2 Corre, assim, e vem a Simão Pedro e ao outro discípulo que Jesus amava<sup>10</sup> e diz a eles: “Tiraram o Senhor do sepulcro e não sabemos onde O colocaram”. 3 Saiu, pois Pedro e o outro discípulo e vinham para o sepulcro. 4 Ora, corriam os dois juntos e o outro discípulo correu mais rápido (que) Pedro e veio primeiro ao sepulcro, 5 e inclinando-se vê estendidos os panos (de linho)<sup>11</sup>, todavia não entrou. 6 Vem, pois também Simão Pedro seguiu-o e entrou no sepulcro, e observa os panos (de linho) estendidos, 7 e o sudário<sup>12</sup>, que estava sobre a cabeça dele, não junto dos panos (de linho) estendidos mas separadamente dobrado num lugar.<sup>13</sup> 8 Naquele tempo, então entrou também o outro discípulo que

<sup>6</sup> A TEB diz “Maria de Mágdala”.

<sup>7</sup> O verbo ἔρχεται está no presente histórico, bem como outros verbos na perícope.

<sup>8</sup> A TEB apresenta o termo “alvorecer”.

<sup>9</sup> Tanto a TEB, como a tradução da CNBB, apresentam “túmulo”.

<sup>10</sup> A versão da CNBB possui a palavra “mais” depois de “amava”.

<sup>11</sup> A TEB não especifica “de linho”.

<sup>12</sup> Somente a Bíblia de Jerusalém apresenta o termo “sudário”; as outras versões estudadas escrevem “o pano”.

<sup>13</sup> O termo τόπον também é utilizado em 4,20 quando se refere ao Templo de Jerusalém.

veio primeiro ao sepulcro e viu e acreditou.<sup>14</sup> 9 Pois ainda não entenderam a Escritura que é necessário ele dos mortos ressuscitar. 10 Os discípulos, então, voltaram para casa.

### Tempo novo

“No primeiro dia da semana”, o que significa o domingo após a Páscoa Judaica,<sup>15</sup> é significativo porque traz consigo o começo de uma nova semana, a qual o evangelista não termina de narrar. É a semana da nova criação que vai encontrar ponto de contato em 20,23 quando o Ressurreto sopra sobre os discípulos o Espírito de uma maneira semelhante à da criação no Gênesis.<sup>16</sup>

Para o autor do Evangelho, é o tempo escatológico que começa, pois Jesus superou o “tempo judaico” expresso nas festas que são descritas no Quarto Evangelho no número de seis vezes.<sup>17</sup> A sétima festa é vivida na Páscoa, quando da Ressurreição de Jesus.

Este novo período da história do mundo<sup>18</sup> não é passageiro, ao contrário, ele é definitivo porque nele o tempo messiânico começou e não terá fim com o intuito de que o reino de Deus se realize progressivamente na história da humanidade.<sup>19</sup>

<sup>14</sup> As três versões apresentam a expressão “viu e creu”.

<sup>15</sup> Cf. DURRWELL, F. X. *A ressurreição de Jesus: mistério de salvação*. São Paulo: Herder, 1968, p. 26: “Enquanto muitos milagres em referência à obra final se realizaram num sétimo dia (Caná), na sétima hora (4,52), ou no dia de sábado (5,10; 9,14) uma sétima obra de Cristo foi realizada no quadro de um sétimo dia solene, ‘num grande dia de sábado’ (19,31)”.

<sup>16</sup> Cf. DURRWELL, F. X. *A ressurreição de Jesus: mistério de salvação*. São Paulo: Herder, 1968, p. 295: “Jesus ressuscita na manhã do primeiro dia da semana. Tendo cuidadosamente contado os dias da semana terrestre de Cristo, João sublinha esta data da ressurreição. Neste dia começa a nova semana da criação. Entrando em sua glória, Jesus vivifica toda a carne (17,1s.); na mesma tarde insufla sobre as primeiras águas do mundo (Gn 1,2)”.

<sup>17</sup> *Ibid.*, p. 26. “Paralelamente aos sinais, outras balizas marcam o caminho e indicam a direção: as festas dos judeus. São em número de seis e por seis vezes é mencionada a Páscoa mosaica. Mas é a sétima festa que importa a outra Páscoa, a verdadeira, da qual Cristo é o Cordeiro (19,36)”.

<sup>18</sup> Cf. LÉON-DUFOUR, X. *Lectura del Evangelio de Juan: Jn 18-21*. v. 4. Salamanca: Sígueme, 1998, p. 167: “‘Primer día’ sugiere que ha comenzada un tiempo nuevo para el mundo”.

<sup>19</sup> Cf. MATEOS, J.; BARRETO, J. *O Evangelho de São João: análise linguística e comentário exegetico*. São Paulo: Paulus, 1993, p. 833: “A denominação ‘o primeiro dia’ sublinha o começo da etapa definitiva da criação sendo ao mesmo tempo, ‘o último dia’, o tempo messiânico, a era escatológica presente, em que se realizará progressivamente o reino de Deus”.

É neste dia de superação definitiva que aparece Maria Madalena junto ao sepulcro. Aqui se vê a figura da discípula como representante do fato histórico da ida das mulheres<sup>20</sup> ao túmulo de Jesus. Ela possui a função de ligação da perícopes presente com a próxima, na qual ela é testemunha da aparição do Ressurrecto.<sup>21</sup>

O período da visita é já no domingo, porém ainda “na escuridão”, o que poderia representar mais do que o tempo cronológico da madrugada que se vai e o dia que chega, ou seja, no começo da alvorada. Também Maria Madalena é a representante do clima vivido pela comunidade: sentimento de frustração pela morte do Mestre. A comunidade “supera” o momento pela ação do próprio Cristo e Nele os discípulos descobrem a vida na morte.

### Testemunhas

Ao correr para contar o acontecido a Simão Pedro<sup>22</sup> e ao Discípulo que Jesus amava, Madalena convoca duas testemunhas para que o evento da pedra retirada fosse testemunhado de modo crível para todos, pois somente o testemunho de homens era válido perante a Lei.

Também é importante destacar que citar os nomes das testemunhas tinha como “principal função [...] apontar e guardar os nomes de *testemunhas* do que aconteceu”,<sup>23</sup> porque a primeira pregação dependia inteiramente do testemunho.

Na Igreja primitiva, a ressurreição não era narrada, mas proclamada. As aparições decorrentes do Ressurrecto foram iluminadas pela reflexão oriunda da Escritura.<sup>24</sup> O Ressurrecto torna-se o centro do querigma<sup>25</sup> da comunidade nascente.

<sup>20</sup> Cf. BROWN, R. E. *The Gospel according to John: (XIII – XXI)*. v. 3. New York: Doubleday & Company, 1970, p. 995: “Magdalene comes to the tomb alone in vs. 1, but speaks as ‘we’ in 2”.

<sup>21</sup> KONINGS, J. *Evangelho segundo João: amor e fidelidade*. São Paulo: Loyola, 2005.

<sup>22</sup> O Quarto Evangelho interpreta Pedro como uma figura concreta, cf. TUÑI, *La figura de Pedro en el Evangelio de Juan*. In: MONASTERIO, R. A. (org). *Pedro en la Iglesia primitiva*. Estella (Navarra): Editorial Verbo Divino, 1991, pp. 101-105.

<sup>23</sup> Cf. BERGER, K. *As formas literárias do Novo Testamento*. São Paulo: Loyola, 1998, p. 206: Nm 35,30; Dt 17,6; 19,15.

<sup>24</sup> Cf. LÉON-DUFOUR, X. *Lectura del Evangelio de Juan: Jn 18-21*. v. 4. Salamanca: Sígueme, 1998, p. 175: “Históricamente, la Iglesia primitiva tuvo primero la experiencia del Resucitado y sólo después iluminó su fe repasando las Escrituras”.

<sup>25</sup> Cf. BROWN, R. A concepção virginal e a ressurreição corporal de Jesus. São Paulo: Loyola, 1987, p. 77.

Quando Maria Madalena anuncia a retirada do Senhor aos dois discípulos, ela utiliza o verbo οἶδαμεν (“sabemos”), ou seja, aqui ela fala na primeira pessoa do plural e, no versículo primeiro, o evangelista usa ἔρχεται (“vai”) como terceira pessoa do singular. É um indício de que o texto original foi modificado por redações posteriores.

Numa destas redações foi acrescentado o “Discípulo que Jesus amava”<sup>26</sup> ao lado de “Pedro” e não como concorrente do testemunho da perícope. Contudo, há um contraste entre os dois, que se apresenta quando o Discípulo Amado permite a Pedro entrar primeiro no sepulcro (versículo 6) mesmo tendo chegado antes dele. Ambos são apresentados como amigos<sup>27</sup> e não como rivais.<sup>28</sup>

Dito isto, é importante frisar que o Evangelho tem como objetivo primeiro apresentar Pedro como um discípulo que possui um lugar privilegiado na comunidade cristã, porém é um homem com ambiguidades, pois é ao mesmo tempo ardoroso e imprudente. Contudo, o lugar de destaque é do Discípulo que Jesus amava.

No quarto versículo, a palavra “sepulcro” (μνημεῖον) aparece pela quinta vez, de um total de nove vezes em onze versículos. A insistência no termo

<sup>26</sup> Cf. BROWN, R. E. *The Gospel according to John: (XIII – XXI)*, pp. 1006-1007. “We remember that Peter was in the original form of the story; and so, while the introduction of the Beloved Disciple inevitably created a contrast, to an extent that contrast is accidental and is scarcely a major aspect of Johannine polemic. Moreover, to be precise, the Beloved Disciple is placed in Peter’s company and is not set over against him. Indeed, throughout the Gospel Peter and the Beloved Disciple are portrayed as friends and not as rivals... But Peter is not the special hero of the Johannine writer. The Beloved Disciple has that role; and the writer takes special interest in showing the Beloved Disciple’s ‘primacy of love,’ a superiority that does not exclude Peter’s possessing another type of primacy”.

<sup>27</sup> “O Discípulo que Jesus amava”: ἐφίλει (amava) tem origem no mesmo radical verbal que termina a tríade questionadora de Jesus a Pedro, no capítulo 21, e é o radical de todas as respostas de Pedro ao Mestre. Pelo texto, Jesus amava o Discípulo no mesmo sentido ao qual Pedro responde que ama o próprio Jesus.

<sup>28</sup> Cf. LIMA, J. T. *Tu serás chamado ΚΗΦΑΣ* estudo exegético sobre Pedro no Quarto Evangelho. Roma: Editrice Pontificia Università Gregoriana, 1994, p. 15, ao comentar Brown: “Em 20, 2-10, na corrida dos dois ao túmulo de Jesus, surge a questão se o Discípulo Amado reconhece que Pedro tem prioridade – embora tenha chegado primeiro, espera por Pedro – ou se é ao Discípulo Amado que é dada prioridade, uma vez que precede Pedro. Brown, não querendo ir além da intenção do evangelista na exploração deste contraste, reporta-se aos estratos de elaboração do evangelho e diz que, neste texto, a presença do Discípulo Amado é um acréscimo, de modo que, na narração original, somente Pedro, ao ser avisado por Madalena, dirige-se ao sepulcro. Assim, embora a introdução do Discípulo Amado crie um contraste, isso não constitui o aspecto principal e definidor da relação entre os dois, que, ao longo do evangelho, são apresentados como amigos e não como rivais”.

tem a explicação de demonstrar a ideia que domina a comunidade, tanto que o fato de saírem correndo juntos (ἔτρεχον δὲ οἱ δύο ὁμοῦ) demonstra a adesão de ambos; contudo, quem é mais amigo<sup>29</sup> corre mais rápido e por isso o Discípulo chega antes de Pedro.

O gesto do Discípulo que Jesus amava, de deixar Pedro entrar primeiro no sepulcro, é antes de tudo um gesto de aceitação e de reconciliação que o primeiro, em nome da comunidade, faz em relação ao segundo (pelo fato de Pedro não ter estado presente na hora da cruz);<sup>30</sup> não é simplesmente uma atitude de considerar a precedência hierárquica de Pedro.

Os versículos entre cinco e oito perfazem uma unidade interna dentro da própria perícope. O último deles é o ápice e conclui o interesse do evangelista. Entre o quinto e o sétimo, percebemos certo paralelismo entre Pedro e o Discípulo que culmina no oitavo, como já foi dito anteriormente.

## Sepulcro

Entre os versículos cinco e sete temos a descrição de como os discípulos encontraram o sepulcro: vazio<sup>31</sup> e com as peças de pano no chão. O sepulcro vazio é o centro da perícope. Demonstra que algo aconteceu e que supera todo o entendimento humano, e as aparições subsequentes explicam<sup>32</sup> o sepulcro vazio, e este ilumina as aparições. O túmulo vazio por si só não leva a pessoa à fé, mas somente ao susto e à incompreensão retratada por Maria Madalena no versículo dois.<sup>33</sup>

<sup>29</sup> Cf. BROWN, R. E. *As Igrejas dos Apóstolos*. São Paulo: Paulinas, 1986, p. 117: “O amor aproximou mais de Jesus o Discípulo que o apóstolo mais importante e tornou esse Discípulo mais perspicaz”.

<sup>30</sup> Cf. MATEOS, J.; BARRETO, J. *O Evangelho de São João: análise linguística e comentário exegético*. São Paulo: Paulus, 1993, p. 837: “Simão Pedro, o segundo, aquele a quem Jesus queria bem”.

<sup>31</sup> Cf. KESSLER, H. Cristologia. In: SCHNEIDER, T. *Manual de Dogmática*, v. 1. Petrópolis: Vozes, 2002, pp. 219-240, 260: “A forma literária mais antiga da narrativa acerca do anúncio pascal no túmulo aberto (vazio) encontra-se em Mc 16,1-8 (dependentes dela são Mt 28,1-7 e Lc 24,1-11; Jo 20,1.11-13 é influenciado por ela)”.

<sup>32</sup> Cf. BROWN, R. E. *The Gospel according to John: (XIII – XXI)*. v. 3. New York: Doubleday & Company, 1970, p. 998: “In itself the fact of the empty tomb did not originally convey the idea of resurrection: the subsequent appearances of Jesus clarified the meaning of the empty tomb”.

<sup>33</sup> Cf. KESSLER, H. Cristologia. In: SCHNEIDER, T. *Manual de Dogmática*, v. 1. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 261: “O túmulo aberto (vazio) não provoca a fé pascal, mas apenas susto”.

No versículo cinco encontra-se o Discípulo que Jesus amava à entrada do sepulcro e dali vê as faixas (de linho) — τὰ ὀθόνια — ao chão, contudo não entra. O verbo “ver” usado no versículo é o βλέπει, que, normalmente no Quarto Evangelho, significa a faculdade da visão ordinária, não que impeça à “visão superior”. Então, o Discípulo percebe visualmente os panos no chão.<sup>34</sup>

O uso do verbo “ver” começa no presente versículo cinco e se estende até o oitavo; por isso é possível pensar que entre estes versículos há uma unidade interna em volta do sepulcro. O original grego oferece uma progressão no sentido do “ver” nestes versículos.

Numa leitura atenta, no versículo sexto, Pedro entra no sepulcro e também vê os panos (de linho) que o Discípulo tinha visto mais o sudário. Contudo, o verbo aqui usado é o θεωρεῖ, o qual indica que a visão ocorrida é mais detalhada e prolongada, o que supera um simplificado testemunho ocular do ocorrido, mas permanece no sentido externo e sensível e não chega a constituir a visão da fé; este “tipo” de visão é necessária para chegar à fé, mas por si só não é suficiente.<sup>35</sup>

Depois de Pedro examinar acuradamente o espaço do sepulcro, entra o Discípulo que Jesus amava e sucede que ele εἶδεν<sup>36</sup> καὶ ἐπίστευσεν (“vê e acredita”). Percebe-se o verbo ὁράω sendo utilizado para descrever uma visão que chega à plenitude do que é apresentado.<sup>37</sup>

<sup>34</sup> Cf. LIMA, J. T. *Tu serás chamado ΚΗΦΑΣ: estudo exegético sobre Pedro no Quarto Evangelho*. Roma: Editrice Pontificia Università Gregoriana, 1994, p. 226. “Nas 18 vezes em que usa βλέπω, João se refere sempre, em primeiro lugar, à imagem visual ordinária, à percepção com o olho, à faculdade da visão; mesmo que este possa ser indicativo de um significado que vai mais além da simples constatação visual, este permanece sempre como a expressão central”.

<sup>35</sup> Ibid., pp. 228-229. θεωρεῖ portanto, é o verbo que o quarto evangelista usa para designar a visão que abrange somente o aspecto exterior, mesmo que se trate de uma visão atenta e minuciosa. “Referindo-se a Jesus ou às realidades que lhe dizem respeito, traduz sempre uma visão atenciosa e apurada, mas ainda sensível e corpórea.”

<sup>36</sup> Indicativo aorista ativo, terceira pessoa do singular do verbo ὁράω.

<sup>37</sup> Ibid., p. 230. ὁράω se afirma, assim, como o verbo que João usa sempre quando quer expressar uma visão que chega à profundidade e que pode confundir-se com a fé, de modo que é este o verbo o qual lhe serve para traduzir a visão em toda a sua plenitude, referindo-se frequentemente à fé. Destarte, em 20,3-10, o ponto de chegada de todo o caminho de aprofundamento do ver é indicado com o verbo ὁράω, fazendo com que a visão exterior seja colhida com fé e se torne uma imagem interior que permanece”.



Em um único momento o Discípulo completa a sua primeira visão e a de Pedro,<sup>38</sup> pois a visão exterior é assumida pela fé, o que a torna interior e não mais passageira ou sob o império dos sentidos.

Junto à visão encontra-se o verbo “acreditar” sem nenhum tipo de complemento de qualquer natureza. Confere um estado espiritual de verdadeira fé Naquele que havia sido pregado.<sup>39</sup>

É importante perceber o Discípulo acreditar porque vê e não porque não percebe nada.<sup>40</sup> O que ele vê está subentendido do quinto versículo. Aquilo que foi visto por ele é compreendido à luz da Escritura,<sup>41</sup> o que se contrapõe ao vivido pelos discípulos no versículo dez (mais um ponto de sustentação da hipótese de inserção do mesmo no relato original) ao retornarem sem compreensão.

Contudo, o seguidor que mais amou Jesus acreditou na ressurreição<sup>42</sup> e transformou a percepção de seu próprio relacionamento anterior, pois agora o Discípulo acredita de um modo superior à sua antiga fé.<sup>43</sup>

Em seu artigo, Tuñi<sup>44</sup> procura demonstrar que o Discípulo vê e acredita pela ação do Espírito Santo recebido na cruz, simbolizado pela água em todo

<sup>38</sup> Ibid., p. 231: “Assim, o objeto direto de εἶδεν (v. 8), embora esteja gramaticalmente ausente, é a mesma visão do que já é dito antes, por ocasião da vistoria de Pedro (v. 6), mas com um aprofundamento de sua significação [...]”. “O Discípulo Amado penetra completamente no significado do que vê (εἶδεν, aoristo), ao mesmo tempo em que completa aquela de Pedro (θεωπέω, presente), e se abre à realidade da Ressurreição”.

<sup>39</sup> Ibid., p. 235: “Pelo modo como o verbo πιστεύω é utilizado. Quando este verbo aparece sem complemento verbal, no quarto evangelho, encerra primariamente um estado espiritual ativo de uma verdadeira fé em Jesus”.

<sup>40</sup> Cf. BROWN, R. E. *The Gospel according to John: (XIII – XXI)*. v. 3. New York: Doubleday & Company, 1970, p. 1005: “More crucial here, we deny that Beloved Disciple comes under the macarism of 29b. True, he believed without having seen the risen Jesus; but he believed on the basis of what he saw in the tomb, not on the basis of hearing, as would those envisage in 29b”.

<sup>41</sup> Cf. LIMA, J. T. *Tu serás chamado ΚΗΦΑΣ: estudo exegetico sobre Pedro no Quarto Evangelho*. Roma: Editrice Pontificia Università Gregoriana, 1994, p. 238. “A reação deste discípulo, então, consiste em, vendo o *semeion*, compreender a Escritura, e através desta alcançar a certeza de que Jesus ressuscitou”.

<sup>42</sup> Cf. LÉON-DUFOUR, X. *Lectura del Evangelio de Juan: Jn 18-21*. v. 4. Salamanca: Sígueme, 1998, p. 174, afirma ser prematuro acreditar que neste momento o Discípulo acredita na ressurreição, mas sim numa glorificação celestial de Jesus.

<sup>43</sup> Cf. DURRWELL, F. X. *A ressurreição de Jesus: mistério de salvação*. São Paulo: Herder, 1968. p. 235: “‘Viu e creu’ (20,8). Creu pelo fato da ressurreição; mas este conhecimento novo constituiu um dote essencial para sua antiga fé: ‘ele creu’”.

<sup>44</sup> Cf. TUÑI, La figura de Pedro en el Evangelio de Juan. In: MONASTERIO, A. R. (org). *Pedro en la Iglesia primitiva*. Estella (Navarra): Editorial Verbo Divino, 1991, pp. 101-105:

o Quarto Evangelho,<sup>45</sup> e não necessariamente em uma atividade unicamente individual e humana. Pelo contrário, o crer na ressurreição de Jesus é uma iniciativa que nasce no Pai que ressuscitou o Filho.

Ao continuar a reflexão sobre a atitude de fé do Discípulo podemos perceber que ele é apresentado de forma proposital em contraste com Pedro para demonstrar à comunidade o lugar de destaque daquele que mais amou<sup>46</sup> e assim tornou-se o principal seguidor<sup>47</sup> do Mestre mesmo sem tê-lo visto.<sup>48</sup>

No Evangelho segundo João, a fé supera a dimensão do cognoscível, quando acolhe o próprio amor de Jesus. Viver a fé no Ressurrecto é o mesmo que afirmar a vivência no amor. É amar e deixar-se ser amado e consequentemente viver no Espírito. Assim poderemos ler os versículos 22 e 23<sup>49</sup> mais adiante.

Quando se pensa na ressurreição, torna-se visível que o acontecimento foge da dimensão do conhecimento humano e ultrapassa<sup>50</sup> o tempo-espço concebido pelo homem. E é somente pelo binômio, fé-amor, como consequên-

---

“En la visita a la tumba de Jesús, el discípulo llega antes y, a pesar de deja pasar primero a Pedro, éste no llega a creer. En cambio el discípulo ‘vio y creo’. Lo cual sólo se explica adecuadamente si tenemos en cuenta que el discípulo al pie de la cruz ha recibido el Espíritu (sin Espíritu no se puede creer en Jesús!). La cual cosa se corrobora con el testimonio de ‘quien vio’ y ‘creyó’ en 19,35-7”.

<sup>45</sup> Cf. DURRWELL, F. X. *A ressurreição de Jesus: mistério de salvação*. São Paulo: Herder, 1968, pp. 95-96. “Estas águas que jorram e que derramam eram, aos olhos dos profetas, a imagem do Espírito Santo: ‘Derramarei água sobre o solo sequioso [...]; derramarei meu Espírito sobre a tua posteridade’ (Is 44,3s). A Escritura criara a expressão: ‘Derramar o Espírito’ (Is 32,15; 44,3; Zc 12,10; Jl 3,1)”.

<sup>46</sup> Cf. BROWN, R. E. *The Gospel according to John*: (XIII – XXI). v. 3. New York: Doubleday & Company, 1970, p. 1006: “The lesson here is one of the power of love”.

<sup>47</sup> *Ibid.*, p. 1005: “The Beloved Disciple, here as elsewhere the ideal follower of Jesus, sets an example for all others who would follow”.

<sup>48</sup> *Id.* *As Igrejas dos Apóstolos*. São Paulo: Paulinas, 1986, pp. 116-117: “Enquanto tradicionalmente Pedro pode ter sido o primeiro apóstolo a ver Jesus ressuscitado, a tradição conhece um Discípulo que foi mais abençoado porque creu sem ter tido tal visão”.

<sup>49</sup> Cf. TUÑI, La figura de Pedro en el Evangelio de Juan. In: MONASTERIO, A. R. (org.). *Pedro en la Iglesia primitiva*. Estella (Navarra): Editorial Verbo Divino, 1991, pp. 101-105. “Ahora bien, la fe del discípulo amado es recomendada por el EvJn en la medida que este discípulo da testimonio [...]. En este sentido lo verdaderamente crucial de la fe del discípulo amado es precisamente que es el que ha acogido el amor de Jesús [...]. Creer, en el EvJn, es por encima de todo acoger el amor de Jesús, es decir, ser amado (lo cual teológicamente es formulado en términos de acoger el Espíritu”.

<sup>50</sup> Cf. KESSLER, H. *Cristologia*. In: SCHNEIDER, T. *Manual de Dogmática*, v.1. Petrópolis: Vozes, 2002, pp. 219-240, 258.

cia da ação do Espírito, que se pode acolher e interiorizar o acontecido, porque este não possui testemunhas oculares (nos Evangelhos).<sup>51</sup>

Depois de olhar atentamente (θεωρεῖ) o sepulcro, Pedro permanece na cena sem nenhuma reação; ele simplesmente torna-se silencioso ao vislumbrar o sepulcro vazio. É uma admiração silenciosa.<sup>52</sup> Segundo o relato, Pedro não acredita mas também não desacredita no que poderia ter acontecido; pode-se pensar numa fé, ainda que incompleta, que de certo modo qualifica o discipulado de Pedro, contudo este também é incompleto, pois não compreendeu.<sup>53</sup>

Um outro dado ao qual nós podemos fiar para justificar a unidade entre os versículos cinco e oito é a descrição dos panos (de linho), do sudário e de seus respectivos significados, que possibilitam a conclusão da perícope, mesmo não sendo o último versículo da mesma.

Os panos de linho (τὰ ὀθόνια) vistos por Pedro e pelo Discípulo estão como no leito nupcial, no qual se consuma o amor, porque caracterizam uma sinalização de vida e de fecundidade que desabrocha na resposta de fé daquele que Jesus amava.

De modo diverso, temos o sudário (τὸ σουδάριον), que está enrolado num lugar separado. Segundo a perspectiva de Mateos e de Barreto,<sup>54</sup> o sudário representa a morte que ainda prende Lázaro (11,44) que necessita de ajuda para se desvencilhar. Ao mostrar o mesmo dobrado (ἐντετυλιγμένον), significa a morte vencida e faz referência à perícope 2,13-22 na qual Jesus busca a purificação do Templo e ao mesmo tempo sua ressurreição dos mortos.

No versículo sete há a designação de onde se encontra o sudário. Ele está no lugar (τόπον) simbolizando o Templo judaico e suas festas e tradições. O sudário dobrado é o Templo que é purificado; portanto, este é superado,

<sup>51</sup> Cf. LÉON-DUFOUR, X. *Lectura del Evangelio de Juan*: Jn 18-21. v. 4. Salamanca: Sígueme, 1998, p. 160. "El acontecimiento mismo de la resurrección no se narra en ningún texto del nuevo testamento: por su misma naturaleza, se escapa al conocimiento histórico [...]; la resurrección sólo puede ser conocida en la fe, por el testimonio del encuentro con Jesús que experimentaron los discípulos".

<sup>52</sup> Ibid., pp. 169-170.

<sup>53</sup> Cf. TUÑI, La figura de Pedro en el Evangelio de Juan. In: MONASTERIO, A. R. (org.). *Pedro en la Iglesia primitiva*. Estella (Navarra): Editorial Verbo Divino, 1991, pp. 101-105.

<sup>54</sup> Cf. MATEOS, J.; BARRETO, J. *O Evangelho de São João: análise linguística e comentário exegético*. São Paulo: Paulus, 1993, pp. 833-835.

pois a corporalidade de Jesus toma o seu lugar e representa onde e em quem os discípulos se encontrarão. Este assunto exige um tratamento à parte.

Contudo, no versículo nono e seguinte, torna-se perceptível que a resposta de fé do Discípulo não repercute em Pedro e nem em Maria Madalena nos versículos posteriores e em nenhum dos discípulos.<sup>55</sup> Pode-se pensar em algumas possibilidades, entre as quais se destacam duas:

- a primeira é de que o Discípulo que Jesus amava, quando acreditou, ainda necessitava de um período de reflexão silenciosa diante do ocorrido.
- a segunda é para demonstrar que o movimento de fé é individual, e ao Discípulo cabe “apenas” demonstrar o caminho, ou seja, as coisas como são.

No mesmo versículo há o relato dos discípulos que retornam sem entenderem o acontecido. É possível retornar a 2,1-13 como antecipação do final da perícopes estudada. Os μαθηταί possuem a Escritura como fonte de interpretação do próprio Jesus e demonstram como o discipulado passa por ela.

Contudo, é hoje difícil saber qual ou quais trechos dela os discípulos não compreenderam. Mateos e Barreto citam Is 26,19-21; Konings acrescenta os seguintes: Is 52,13ss; Sl 16,8-11; Sl 110,1; Os 6,2 e Jo 2,1-12, porém Léon-Dufour afirma a impossibilidade de saber quais são os textos.

## CONCLUSÃO

Para encerrar o estudo desta perícopes, eis o comentário sobre o décimo e último versículo que em si não é longo: ἀπῆλθον οὖν πάλιν πρὸς αὐτοὺς οἱ μαθηταί. (*Os discípulos, então, voltaram para casa*).

O verbo da frase é o ἀπῆλθον, que é um aoristo de ἀπέρχομαι, que significa “ir embora”. No Evangelho segundo João, ultrapassa o sentido de simples ir e vir físico, e representa a *vinda* e *ida*<sup>56</sup> de Jesus ao Pai e

<sup>55</sup> Cf. BROWN, R. E. *The Gospel according to John: (XIII – XXI)*. v. 3. New York: Doubleday & Company, 1970, p. 995.

<sup>56</sup> Cf. LIMA, J. T. *Tu serás chamado ΚΗΦΑΣ: estudo exegético sobre Pedro no Quarto Evangelho*. Roma: Editrice Pontificia Università Gregoriana, 1994, p. 241. “O verbo ἀπέρχομαι

também a adesão dos homens em relação ao Filho. Então, o retorno feito pelos discípulos, depois da experiência do sepulcro, é em direção ao Mestre.

Também eles retornam para o local onde estavam antes de Maria Madalena aparecer. Há divergências entre os estudiosos sobre o local onde estavam, contudo existe a percepção dos discípulos (como grupo) que estavam próximos uns dos outros.

Assim, os discípulos testemunhas do sepulcro vazio, se encaminham não somente para um lugar físico, mas também à comunidade como instância na qual se encontra o Ressurrecto.

Portanto, o evangelista faz os discípulos retornarem para si mesmos, para uma interiorização própria da pessoa que se coloca como discípulo. O Discípulo que Jesus amava toma a dianteira neste processo comunitário. Também é importante frisar que ele ainda continua como um dos discípulos de Jesus e, mesmo amando<sup>57</sup> mais, precisa aprofundar aquilo experienciado no túmulo.

O Discípulo é apresentado como o ideal entre aqueles membros da comunidade. Nele está o modelo de todo o discipulado no Quarto Evangelho e assim é um testemunho para todos.

A perícopé frisa a dificuldade de chegar a descobrir a vida na morte. Nem a comunidade cristã (Maria Madalena), nem, sequer, o discípulo modelo tinham chegado a compreender que a morte não podia interromper a vida de Jesus, cujo amor até o fim manifestou a força de Deus. Por isso, podemos

constatar no estudo de Jo 20,1-10, tanto em si mesmo como em sua relação com Lc 24,12, como se dá o surgimento da fé na ressurreição. Neste processo, a figura de Pedro aparece ao lado da do Discípulo Amado, com quem partilha a caminhada. Leituras parciais da perícopé procuraram colocar em evidência

---

é um dos componentes de ἔρχομαι que particularmente no quarto evangelho importa pelo seu significado translato ou teológico, ficando em segundo lugar o seu sentido local. De fato, é com este verbo e seus compostos que o quarto evangelho se refere aos conceitos básicos sobre a vinda-ida de Jesus ao pai, e sobre a ida (adesão) dos homens a Jesus, conceitos altamente teológicos”.

<sup>57</sup> Cf. BROWN, R. E. *A concepção virginal e a ressurreição corporal de Jesus*. São Paulo: Edições Loyola, 1987, p. 117: “O Discípulo Amado funciona no Evangelho como a encarnação do idealismo joanino, todos os cristãos são discípulos e, entre eles, a grandeza é determinada pela relação de amor com Jesus e não pela função de ofício”.

ou um ou outro discípulo, ressaltando os diversos elementos que apontam para a atribuição de um destacado papel de Pedro que assume, mais uma vez, a função de líder dos discípulos.<sup>58</sup>

No processo de discipulado, o centro é a fé na ressurreição, da qual o Discípulo Amado é o modelo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BÍBLIA. *A Bíblia de Jerusalém*. Edição revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.
- BÍBLIA. *Bíblia Sagrada – CNBB*. São Paulo: Loyola, 2002.
- BÍBLIA. *Tradução Ecumênica Brasileira – TEB*. São Paulo: Loyola, 1994.
- BÍBLIA. <http://www.bibelwissenschaft.de/online-bibel/> compatível com NESTLE-ALAND. *Novum Testamentum Graece*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1993.
- BROWN, R. E. *A comunidade do Discípulo Amado*. São Paulo: Paulus, 2003.
- \_\_\_\_\_. *A concepção virginal e a ressurreição corporal de Jesus*. São Paulo: Edições Loyola, 1987.
- \_\_\_\_\_. *As Igrejas dos Apóstolos*. São Paulo: Paulinas, 1986.
- \_\_\_\_\_. *Evangelho de João e Epístolas*. São Paulo: Paulinas, 1975.
- \_\_\_\_\_. *The Gospel according to John: (XIII – XXI)*. New York: Doubleday & Company, 1970, v. 3.
- DURRWELL, F. X. *A ressurreição de Jesus: mistério de salvação*. São Paulo: Herder, 1968.
- HEUSCHEN, J. *L'Ascensione nella Bibbia*. Bari: Edizioni Paoline, 1969.
- LÉON-DUFOUR, X. *Lectura del Evangelio de Juan: Jn 18-21*. Salamanca: Sígueme, 1998, v. 4.
- LIMA, J. T. *Tu serás chamado ΚΗΦΑΣ: estudo exegético sobre Pedro no Quarto Evangelho*. Roma: Editrice Pontificia Università Gregoriana, 1994.
- MATEOS, J.; BARRETO, J. *O Evangelho de São João: análise linguística e comentário exegético*. São Paulo: Paulus, 1993.
- MOLLAT, D. La foi pascale selon lê chapitre 20 de l'Évangile le saint Jean. In: *Resurrexit – Actes du Symposium International sur la Résurrection de Jésus*. Roma: Libreria Editrice Vaticano, 1974, pp. 316-339.
- TUÑI. La figura de Pedro en el Evangelio de Juan. In: MONASTERIO, R. A. (org.). *Pedro en la Iglesia primitiva*. Estella (Navarra): Editorial Verbo Divino, 1991, pp. 101-105.

<sup>58</sup> Cf. LIMA, J. T. *Tu serás chamado ΚΗΦΑΣ: estudo exegético sobre Pedro no Quarto Evangelho*. Roma: Editrice Pontificia Università Gregoriana, 1994, p. 246.

### **Fontes secundárias**

- BARRET, C. K. *Il Vangelo di Giovanni fra simbolismo e storia*. Torino: Claudiana, 1983.
- BERGER, K. *As formas literárias do Novo Testamento*. São Paulo: Loyola, 1998.
- BERNARD, J. H. *Gospel According to St. John: a critical and exegetical commentary*. Edinburgh: T&T Clark, 1972, v. 2.
- BUSSCHE, H. van den. *Jean: commentaire de l'Évangile Spirituel*. s.l.: Desclée de Brouwer, 1967. (Bible et vie chrétienne).
- DUNN, J. D. G. *A teologia do apóstolo Paulo*. São Paulo: Paulus, 2003.
- FABRIS, R.; MAGGIONI, B. *Os Evangelhos II*. 4. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006.
- FRIBERG, B.; FRIBERG, T. (eds.). *O Novo Testamento Grego Analítico*. Edições Vida Nova: São Paulo, 1987.
- GHIBERTI, G. *I racconti pasquali del capitolo 20 di Giovanni*. Brescia: Paideia Editrice Brescia, 1972. (Studi Biblici, 19).
- KASSING, A. *Sulla risurrezione di Cristo*. Brescia: Queriniana, 1971.
- KESSLER, H. Cristologia. In: SCHNEIDER, T. *Manual de Dogmática*. Petrópolis: Vozes, 2002, v.1, pp. 219-240.
- KONINGS, J. *Evangelho segundo João: amor e fidelidade*. São Paulo: Loyola, 2005.
- LAGRANGE, M.-J. *Évangile selon Saint Jean*. 5 ed. Paris: Éditeurs J. Gabalda et Cie, 1936.
- MIRANDA, M. F. *Sacramento da Penitência: o perdão de Deus na comunidade eclesial*. 5. ed. São Paulo: Loyola, 1978.
- NICCACI, A.; BATTAGLIA, O. *Comentário ao Evangelho de João*. Petrópolis: Vozes, 1981.
- NOCKE, F.-J. Doutrina específica dos sacramentos. In: SCHNEIDER, T. *Manual de Dogmática*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002, v. 2.
- RAMOS-REGIDOR, J. *Teologia do Sacramento da Penitência*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2006.
- SCHOLZ, V. (org.). *Novo Testamento Interlinear Grego-Português*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004.
- ZARRELLA, P. *A Ressurreição de Jesus*. Porto: Editorial Perpétuo Socorro, 1977. (Coleção Novos Rumos).

### **Dicionários e gramáticas**

- MUELLER, W. *Grammatical aids for students of New Testament Greek*. Eerdmans Publishing Co.: Grand Rapids, 1974.

O Discípulo Amado como exemplo de discípulo em Jo 20,1-10

RUSCONI, C. *Dicionário do Grego do Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2003.

SWETNAM, J. *Gramática do Grego do Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2002.

### **Periódicos**

MURPHY-O'CONNOR, J. Péché et Communauté dans le Nouveau Testament.  
*Revue Biblique* 74 (1967/2), pp. 161-193.